

Flávio José Cardozo

Uns papéis
que
voam



 FTD

Flávio José Cardozo

Uns papéis
que
voam

**EXEMPLAR
PARA ANÁLISE**

FTD
EDUCAÇÃO



São Paulo — 2003

A simplicidade da grande literatura

Moacyr Scliar

Ao introduzir ao público um escritor conhecido, talentoso e multipremiado, costuma-se dizer que ele dispensa apresentações. No caso de Flávio José Cardozo, porém, eu não me dispensio de fazer a apresentação; pelo contrário, exijo esse direito. Em primeiro lugar porque é um prazer: estou falando de alguém que conheço há muito tempo, e que admiro tanto pelo brilho intelectual como pela dimensão humana: Flávio é uma grande pessoa. Em segundo lugar, porque analisar o trabalho dele significa fazer um diagnóstico daquilo que se chama grande literatura. *Uns papéis que voam* é exatamente isso, grande literatura. São crônicas e histórias redigidas de maneira simples, em linguagem muitas vezes coloquial, como acontece sobretudo com o texto jornalístico; mas isso não deve nos enganar. Por baixo da simplicidade estão grandes histórias e grandes lições de vida. Flávio parte muitas vezes do cotidiano. Quem de nós, por exemplo, não teve de ir a uma repartição pública em busca de um documento qualquer? Parece uma experiência banal. Não é, como mostra Flávio em "Um papelzinho". É uma experiência que envolve conflito, que envolve fantasias — conflito e fantasias que ele consegue sintetizar em uma crônica. Uma outra experiência de cotidiano: uma menina da vizinhança chama o autor de "Seu Coisa". Não é raro: "Coisa" é uma palavra comum, no vocabulário brasileiro, para designar aquilo que a gente não sabe exatamente como se chama. Mas Flávio parte desse pequeno incidente para

escrever um belo texto que acaba falando da relação entre pessoas, no caso um adulto e uma criança. O pitoresco tem lugar, sim: o passageiro que acha menos perigoso viajar de avião do que de táxi, o jacaré encontrado em um motel, a gordinha no ônibus. Estamos falando de crônica, um gênero habitual nos jornais brasileiros, mas que não raro pode chegar ao virtuosismo, como foi o caso de Rubem Braga, que era capaz de transformar a descrição do voo de uma gaivota sobre o mar em poesia pura. Pois o Flávio cronista filia-se a essa grande tradição do mestre Braga. Isso pode ser apreciado em livros como *Beco da lamparina*, *Senhora do meu Desterro*, *Tiroteio depois do filme* e naquele em parceria com Silveira de Souza, que traz o inusitado título de *Trololó para flauta e cavaquinho*.

Mas temos aqui também o contista de *Singradura* e de *Zélica e outros*. E é uma lição de conto que ele nos dá. Flávio é realmente um mestre da história curta, como mostra o conto "Perdidos e achados". Notem a inversão: em geral, fala-se em "Achados e perdidos", mas essa história parte de uma perda (melhor dizendo, de um roubo) para abrir a inesperada possibilidade de relação entre um homem e uma mulher: em termos de amor, às vezes, é preciso perder, para só então achar. Quase na mesma linha, mas desta vez partindo de um providencial equívoco, é o conto que dá título ao livro, "Uns papéis que voam". De novo, Flávio nos mostra como podem ser estranhos, e até cômicos, os caminhos da paixão.

Finalmente, é preciso dizer que Flávio José Cardozo é profundamente brasileiro — e profundamente catarinense. Ele ama o seu estado (e Santa Catarina é um lugar muito amável, pela beleza da paisagem, pela cordialidade de sua gente) e faz dele um cenário preferencial para sua ficção.

Uns papéis que voam é um livro para todas as idades, para todos os gostos. Não há quem não se encontre aqui. Os papéis de Flávio voam? Voam, sim, mas voam ao nosso encontro, e nos convidam também a voar pelo mágico universo de um ótimo escritor.

Sumário

8	Melhorou-la
11	Para-choque
14	Um papelzinho
18	Dona Francelina
21	Gelei
25	Meu anjo
28	Ao aeroporto
31	Duas meninas
34	Ucronias
37	O encenqueiro
41	Ficha de emprego
45	Uns papéis que voam
49	No velório
52	Um flautista na madrugada
55	Se temos as manhãs de abril
58	Sem frase curta

61	Disque Amizade	111
64	A meiga Felisberta	112
67	Escorpião no sapato	113
70	Essa tua boca	114
73	Quatro cachorros	115
76	Gordinha no ônibus	116
79	Sanfoninha de oito baixos	117
83	Meninos de avião	118
86	Quero um bico	119
90	A moça de branco	120
93	O boletim de Balzac	121
96	Manhã manezinha	122
99	Um surfista	123
102	Perdidos e achados	124
105	A gaiola	125
109	Bichos discutem	126

- 112 Paz em Garopaba
115 Passeio completo
118 Resgate
121 No cinema
124 Da arte de comer melancia
127 Sofá na rua
130 Uma palavra
133 Velhos conhecidos
136 Mudança
139 De plantão
142 Apertão
145 Pelo telefone
148 Blusão da moda

- 151 Sábado azul, marmanso
154 O né
156 Com licença, é um assalto
159 Seu Coisa
162 Chuva que vai e volta
165 Tabuleta
168 Ursa no estômago
172 Casou de Calças Curtas
177 Quem será?
180 De elevador
182 Conselho de Van Gogh
185 O muro
188 A preciosidade de um ovo



Melhorou-la



ão nos cansamos nunca do prazer que vem da palavra. Nem falo do que se tira e se volta sempre a tirar na leitura dos livros, do que se recebe de palestrantes bem informados e bem articulados e dos atores hábeis. Falo do coloquial de cada dia da gente comum, da típica maneira que certas pessoas têm de se exprimir. Que grande satisfação se pode extrair disso.

Nem todo mundo tem aquele dom de seu Timotinho, velho morador da Vargem do Bom Jesus, ao qual já me referi mais de uma vez no jornal e em livro, aquele mesmo que, ao querer conceituar favoravelmente alguém, com inesperada e graciosa aritmética o qualificava como um sujeito seis por cento. Nem mais nem menos,



seis por cento. Há uma poesia nisso, na palavra de seu Timotinho e na de outros mais, não menos interessantes, que sabem a arte de reforçar o diálogo com apropriados e eficazes complementos, quais sejam os ditos antigos, as frases rimadas, as expressões maliciosas, os exageros de retórica. Ainda outro dia alguém dessa feliz categoria me contava a encrenca que teve com um indivíduo que cismou de querer avançar a cerca para dentro de um terreno seu: a fim de deixar bem claro que não ia aceitar aquilo e que, quando lhe pisam os calos, não é moleza, ele disse o seguinte, vejam vocês a beleza de fala que empregou: levado com jeitinho, eu vou até pro inferno, agora, empurrado, não tem Cristo nem Virgem Maria que me leve pro céu.


Quando ouço homens de grave posição repetindo as suas mentiras de um modo tão pretensioso quanto carregado das mais chapadas barbaridades (“ele falou de que”, “houveram dúvidas”, “fazem muitos anos”, “seje”, essas maravilhas), penso: “Poxa vida, há quem subverta e até estropie a língua com mais graça — e de graça”. Sinto daí uma vontade dos diabos de ouvir a prosa do seu Timotinho ou, então, já que seu Timotinho está proseando num lugar lá no alto para onde só planejo embarcar dentro de uns trinta anos, uma vontade de ir conhecer o estilo de conversação, digamos, do Isauro, por vários anos colaborador do Holdemar Menezes no sítio dele na Vargem Pequena. Eu já ouvira o nosso contista falar das excelências de caseiro do Isauro, não ainda dos seus encantos verbais.

Vejam que charme. Holdemar chega ao sítio, dá bom-dia a Isauro, respira avidamente o verde da propriedade, detém-se um pouco em algumas generalidades da existência, as condições do tempo, o desnaturado corre-corre de turistas e banhistas ali na estrada, depois quer saber como vão as coisas por ali. Indaga ao fiel amigo se ele deu aquele tal remédio para a égua Mimosa, que andava meio enfasiada. "Dei-lo", responde o sempre atento feitor. E plantou aquelas mudas de caqui, manga e cajá-manga que trouxe outro dia? "Plantei-las, doutor, plantei-las." E a patroa melhorou da gripe? "Melhorou-la, graças a Deus, melhorou-la".

Ninguém vai pensar, é claro, que Holdemar Menezes, ao trazer para fora dos muros de seu refúgio da Vargem Pequena essas peculiaridades de linguagem do auxiliar, cultive o gosto mórbido de rir delas, rir por achá-las merecedoras de riso, engraçadas. Rir, assim, por rir, se ri da oratória pedante e manquitola de tantos figurões, de tantos políticos e causídicos, do seu vazio enfeitado, das suas lorotas cravejadas de solecismos.

Num caso como o do Isauro, o que ocorre ao escritor é o sorriso cúmplice, uma alegria diante da invenção saborosa e sem impurezas, da imprevista poesia que brota do inusitado. Holdemar não me disse que disse mas não duvido que, satisfeito com as melhoras da mulher do Isauro, tenha dito: "Melhorou-la? Que bom, que bom!".

A verdade é que falar tem muito, muito mesmo a ver com o coração. Como diria Isauro, sempre teve-lo.



Para-choque



mulher ia carrancuda lendo uma revista, ele ia carrancudo esperando uma brecha que permitisse ultrapassar o caminhão com placas de Três Cachoeiras, RS, carregado de banana e em cujo para-choque estava escrito "Deus nos guarde". Excelente lembrança, ele pensava: "Deus nos guarde dos perigos da estrada e das desavenças da vida". Gostava de ler para-choques; neles às vezes dava com pensamentos que vinham bem a propósito. Ainda há pouco, lá atrás, foi aquele "Laranja doce é que apanha varada". Mas a mulher não o leu, estava aí, amarrada nessa revista.



Na frente do caminhão de banana ia um daqueles que transportam carros novos, imenso, interminável. Sabia que o máximo que podia pretender, por enquanto, era dar um pulo e ficar entre os dois, mas que isso ia ser difícil. Há tempo vinha fazendo tentativas, várias vezes disse "Droga!", mas sua voz, que já era prejudicada pela musiquinha barulhenta que saía do rádio, decididamente não parecia estar interessando à mulher. Ela só erguia os olhos para a direita, descansava-os um pouco na paisagem e logo os repunha na leitura.

Em certo momento, ele desligou o rádio, concentrou-se mais e conseguiu, com alguma ousadia, botar para trás o caminhão da banana. Qual a vantagem daquela conquista de uns poucos metros não saberia dizer exatamente, mas seu ego sentiu nela um instintivo prazer. O problema agora era vencer a monumental jamanta com placas de São Bernardo do Campo, SP, no lombo da qual a frota de automóveis se encarapitava daquela forma meio circense, meio milagrosa. Ultrapassar o bicho lhe parecia quase um atrevimento.

Religou o rádio, quem sabe botavam ali uma musiquinha que ajudasse a vencer melhor a viagem. E então deu de cara com esta lamentosa filosofia na traseira da jamanta: "A vida é um pau de sebo com uma nota falsa na ponta". Estremeceu. A frase... a frase, nas presentes circunstâncias, não era jocosamente queixosa, era francamente cruel, parecia estar ali por encomenda.

Essa, sim, queria que ela não lesse. Mas tinha de acontecer.



viu que a mulher fechou a revista, coçou os olhos e abriu-os bem sobre aquelas palavras que ironicamente vinham soar como um fechamento do que ela havia dito na discussão de horas antes. Ele era a nota falsa no alto do pau de sebo da vidinha dela... Era isso? Não se animou a sondar que reação estaria ocorrendo no rosto ainda zangado.

Tomou uma decisão: não ia ficar quilômetros atrás daquilo, entrou no primeiro posto que viu. Simulou que havia um problema qualquer num dos pneus, pediu para olharem o óleo.

Quando voltou à estrada, teve mais sorte. O caminhão atrás do qual conseguiu meter-se, com placas de Boa Esperança, PR, trazia um trecho de samba caído do céu: "Perdão foi feito pra gente pedir". Olhou-a, sem palavras, mas pedinte. Sem palavras, mas com um quê promissor, ela o olhou também.





Um papelzinho



altava-lhe um papelzinho. Pessoas experientes disseram que era um papelzinho difícil, arrancá-lo dos canais competentes demandava tempo, suor e lágrimas. Ia ter de ir lá umas quinze vezes, no mínimo. Pensou: é um exagero, isso de quinze vezes é por certo só um modo de dizer que vou ter algum trabalho.

Em todo caso, pôs-se a contar: uma, duas, três... e foi contando: quatro, cinco, seis... Treze vezes! Já então tinha apelidado o edifício onde ia de edifício Kafka.

Nunca foi lá tão esperançoso quanto nessa décima terceira vez. A funcionária praticamente garantira que o papelzinho agora saía. Sua mulher, um primor de otimismo, o encorajou muito: é hoje, hoje Deus vai te ajudar. Ele saiu com a alma escorrendo fé. Sim, seria hoje. No ônibus, nem se chateou com o aperto. Sentiu-se leve ao descer no terminal. Em minutos estava no edifício Kafka. Entrou no elevador assobiando baixinho.

Mas não teve sucesso. Deus talvez até quisesse ajudar, mas na última hora deve ter refletido e achado melhor não se meter com aqueles labirintos. Não, o papelzinho não estava pronto.

Amargou uns dias de negro desânimo. Até que decidiu, numa certa manhã, fazer algo definitivo: sim, acabemos de uma vez com isso! Chega, está decidido: vou lá, bato no balcão, dou uma hora para me trazerem esse papel, uma hora, caso contrário...

Aí vai, pois, no ônibus de sempre, o nosso candidato a aposentado pela última vez atrás de seu papelzinho. Vai reunindo raiva, esquentando os nervos, pensando. O que falar já sabe: quero a bosta desse papel dentro de uma hora, caso contrário... Só isso, não precisa de mais nada. O jeito de falar é que interessa. Não é com a vozinha e os gestos submissos de sempre que conseguirá dar o devido peso àquela ordem: tem de ficar clara, claríssima, convincente a sua disposição para cometer, se for o caso, qualquer loucura. Fogo no prédio? Metralhamento coletivo? Mergulho no espaço? Sim, impressionar a atendente de tal modo que ela corra logo a chamar o



chefe, que chamará o chefe, que chamará o chefe, que chamará o chefe, que chamará o chefe... Chefes, chefes, chefes e mais chefes. Diante de todos eles, subordinados e público em geral, repetirá: quero a bosta do meu papel dentro, no máximo, de uma hora, caso contrário...

Que tal dar uma de John Wayne, entortar a boca, porradas de estremecer o prédio em cima do balcão, pá, pá, pá? Curtidor de filmes, repassa modelos enquanto vai no ônibus. A cara amarrada de Edward G. Robinson. A calma determinação de Gary Cooper. O cinismo de Humphrey Bogart — não fuma mas é capaz de ir de cigarro no canto da boca só para impressionar. A sinistra expressão de Boris Karloff, Peter Cushing, Christopher Lee. O charme selvagem de Marlon Brando. A elegância de David Niven. Ou opta por um impacto mais moderno: Arnold Schwarzenegger, Mel Gibson, Steven Seagal, Bruce Willis?

Na frente do edifício, reforça a ideia: será a última vez! Transpõe a odiada porta, toma o maldito elevador, entra na abominável saleta apinhada de outros jós atrás de papeizinhos. Pensa agora: falará com a mafiosa frieza de Al Pacino ou com a dureza de Gene Hackman em *Os imperdoáveis*.

Quando a moça finalmente vai lá dentro ver em que pé está o papelzinho, ele ainda matuta: ao berrar meu terrificante ultimato, faço os olhos de Peter Lorre ou os de Jack Nicholson?

Demora, demora. Ouve depois uma voz meio braba falando



lá dentro em paciência, que essa gente tem de ter paciência, poxa. Ah, mau sinal, péssimo sinal. E não dá outra: a moça vem abanando a cabeça, as mãos vazias.

E então... então um torpor invade o espírito do bom homem. Um quase abandono de si próprio. Mas ele ainda consegue ter forças para ficar indeciso entre Jeffrey Hunter e Max von Sydow no papel de Jesus Cristo.





Dona Francelina



Entre as trinta pessoas, está uma mulher grandíssima, abatada, feia de arder os olhos. É a vez dela. Entra, domina um sofá inteiro, a filha fica de pé.

— Doutor, tenho três votos: o meu, o desta filha e o da mãe. A mamãe é entrevada, mas pode votar, é só arrumar uma condução que ela vai. Lhe garanto os três votos, doutor, se o senhor trouxer o meu marido de volta.

— Onde é que está o seu marido?

— Com outra, o nojento. Deixou a gente na pior. Só por causa dum empurrãozinho de nada na hora da raiva.

O candidato tem conseguido telha, óculos, dentadura, vaso sanitário. Marido de volta seria o primeiro. Olha a mulher: não, não é de estranhar que o cara tenha se mandado. Ela é imensa, feia de arder os olhos — e ainda está vestida, imagine só pelada. Mas vamos lá: qual o endereço do homem? Numa semana ele, candidato, resolve aquilo. Vá descansada. Ela sai confiante, uns trinta quilos mais leve.

Descobrem o Inácio.

— Seu Inácio, preocupado como sou com o bem-estar e a harmonia da família...

— Ih, já sei, doutor, a praga da Francelina falou com o senhor também. É o terceiro candidato que me pede para voltar. Aqui, ó, que eu volto! Aquilo é um satanás, doutor. Braba, perigosa mesmo. Vinte anos com satanás, doutor. Chega, né?

O candidato pensa no tal satanás e esfrega os olhos. Mas insiste com Inácio, patati, patati, meio forçado, já vendo que a parada é dura. Inácio responde firme, diz que nem de arrasto ele vai. Está vivendo numa boa com uma moça e fim de papo.

No outro dia, a mulher volta, quer notícias.

— Dona Francelina, o Inácio está sendo trabalhado, está refletindo. Mais um pouquinho e...

— Espero uma semana, doutor. Senão tenho de falar com outro candidato. O tempo vai passando. Nós na pior. São três votos, doutor.



A mulher sai, redonda nos 120 quilos, e o prédio range. O candidato raciocina, frio: não vai dar não, me falta argumento, poxa. Quem escapa disso aí não volta mais mesmo. Não adianta insistir, é querer tirar leite duma pedra. Vamos pra outra. Jogo é jogo. Chamemos o Inácio.

— Seu Inácio, desculpe. Aquela insistência pro senhor voltar pra casa foi bobagem minha. Dona Francelina é mesmo uma mulher difícil. Aceite meu apoio moral. O senhor aceita, não aceita? Peço não espalhar, pois sou pela unidade da família, mas neste caso...

— O senhor é compreensivo, doutor. Gostei do seu jeito.

— Questão de justiça, seu Inácio. Dona Francelina é dose. Pra elefante, eu diria.

O candidato acha que não negociou mal: perde os votos da gorda e da filha, certo, mas tudo indica que vai ter o do Inácio e da moça. Sentiu que ele gostou da solidariedade. Quanto ao voto da velhinha entrevada, já não estava mesmo na conta, pois ia dar muito trabalho.



Gelei



ocou o telefone. Fiquei esperando que alguém fosse atendê-lo, mas nem me dei conta de que era hora de novela e, em hora de novela, como bem se sabe, quem atende telefone é quem não está vendo novela. Já é da tradição brasileira. Atendi e, menos mal, era para mim mesmo. Uma voz feminina, um tanto encorpada, mas sem dúvida alguma feminina, foi dizendo:

— O senhor não me conhece. Li uma historinha sua no jornal, um dia desses.

— Pois não.

— Quero lhe dizer que fiquei chateada.

Na imponderável fração da pausa que se seguiu, me perguntei em qual de minhas últimas lorotas andei sendo abusado com mulheres de voz mais encorpada. A consciência não me acusou de nada. Pedi que, por favor, dissesse o que houve.

— Foi aquela história da tal dona Francelina — lembrou.

Referia-se à gordíssima dona Francelina, que recorreu (sem sucesso) a diversos candidatos oferecendo os três votos que tinha em casa — dela, da mãe e da filha — se eles conseguissem trazer de volta o marido que foi viver com outra. Senti que do lado de lá do fio devia estar uma pobre mulher cujo marido também resolveu bater asas para um novo ninho.

— O senhor foi mau com as gordinhas.

— Com a gorda dona Francelina talvez tenha sido um pouco, sim. Com as gordinhas, não.

— Com as gordinhas de um modo geral, sim, senhor — respondeu ela, firme, tornando a voz um pouco mais decidida do que já era. — E eu sou uma gordinha.

Expliquei:

— Dona Francelina não era uma gordinha. Eu escrevi que ela tinha seus 120 quilos.

— Eu tenho 125.

Gelei. Um peso desses é sempre respeitável, mesmo pelo telefone. Achei que estava indo por um caminho perigoso. Mas vamos conversar, vamos conversar.

— Olha, senhora: na tal história, dona Francelina era de fato gordinha. Agora, o marido dela não se mandou de casa por isso, evidentemente. Quem é que não gosta de uma gordinha, meu Deus do céu? Acontece é que ela era também muito feia e muito braba. A senhora viu: ela até ameaçou de bater no homem. O volume era um dado importante, lógico, pois o impacto de um braço gordo é naturalmente muito maior que o de um braço magro, mas o que eu queria ressaltar mesmo era o mau gênio de dona Francelina.

— Não concordo. O senhor insistiu demais no fato de ela ser gordinha. Chegou a dizer que o prédio tremia quando ela andava. Uma grande maldade, não concorda?

— Bem, são modos de falar.

— Concorda que é uma bobagem dizer que um prédio treme com o andar de uma gordinha, não concorda?

— Bem...

— Sim ou não?

— Sim, sim, foi uma bobagem.

— O senhor então reconhece que uma gordinha como eu não podia gostar daquilo, reconhece?

— Está bem, reconheço, me perdoe.

— Promete não abusar mais das gordinhas?

— Prometo.

— Mesmo?

— Mesmo. E agradeço muito a gentileza do seu telefonema. É sempre um prazer falar com uma leitora, de quem até nem sei ainda o nome.

Deu o nome. E disse que mora ali em Cacupé.

— Em Cacupé? — gelei ainda mais.

— Sim, Cacupé. E o senhor mora aí em Santo Antônio, eu sei.

Cacupé está a dois minutos de Santo Antônio. Dali até aqui é um pulo. Mais perto daquela mulher praticamente só se a gente morasse junto. Ainda bem que conversando a gente se entende.



Meu anjo



Há cada tipo no telefone, não é mesmo? Há os deramados, que se grudam nele com volúpia, e falam trinta vezes mais do que se estivessem cara a cara com o interlocutor, e há uns que eu nem sei por que botaram esse aparelho em casa, pois respondem sempre de má vontade, aos gritos ou então aos resmungos, como se estivessem fazendo grande favor à humanidade em colarem os ouvidos naquela joça. Entre esses dois extremos, a variedade é rica.

E há, sobretudo, as telefonistas.



Quem não conhece a diversificada linguagem das telefonistas? A maioria delas, graças a Deus, é muito bacana, muito eficiente. Existem, é claro, umas meio distraídas, que mandam o freguês esperar um minuto quando queriam dizer uma hora, mas predominam as atenciosas e simpáticas. Umas até chegam a ser meio exageradas.

Não vou dizer o nome da repartição em que ela trabalha, mas sei de uma telefonista que é, nem mais nem menos, um doce. Um caminhão de doce, melhor dizendo. A voz lembra um pouco a da atriz Maria Zilda, quente, rouquinha, envolvente. O excepcional, porém, nem é a voz, é o tratamento que ela dá à gente. Quem quiser botar uma colher de açúcar no seu dia, ligue para a dita repartição.

— Alô. É da (*digamos*) Abecedesc?

— Sim, querido.

— O Gervásio está?

— O Gervásio? Meu bem, aqui não trabalha nenhum Gervásio.

— Ué, me disseram que o Gervásio trabalhava aí.

— Não será Geraldo, meu amor? Geraldo trabalha.

— Não, não, é Gervásio. Pô, será que não é Gervásio?

— Neguinho, tem Genésio também. Não será Genésio?

— Não, não.

— E Gregório, adorado?

— Não, não, já vi que me enganei. Obrigado.



— De nada, benzinho, de nada.

Isso é que é trato. O cidadão, só para falar com um simples Gervásio, recebeu tanto carinho que nem sei o que não haveria de receber se quisesse falar com o chefe.

Naturalmente, estou brincando com um tipo de telefonista que leva a um certo excesso a vontade de ser cordial. Com toda a razão, ela não quer ser apenas uma fria peça de engrenagem, quer adicionar ao seu ofício uma pitada de calor humano. Ela acredita que tratar o desconhecido com palavras afetuosas torna o burocrático menos burocrático. É claro que o indiscriminado e corriqueiro uso dessas doçuras acaba, ele mesmo, soando também burocrático, até falso.

O ideal (sugestão minha) talvez fosse um pouco de contenção, não mais do que um *querido* no correr de todo o diálogo, durasse ele um minuto ou meia hora. Num dado momento, sem que a gente esperasse, vinha de lá um bombom — *querido*. Já seria gostoso.

E, cativado e grato, a gente diria no fim da conversa: "O melhor dos meus abraços para você, meu anjo".





Ao aeroporoto



— aeroporoto — manda o homem. O motorista liga o carro, aciona o taxímetro, levanta o volume do rádio e arranca firme. É como se estivesse à espera daquele tiro que dá a ordem — corra! Reflexo imediato, pronto atendimento. Em dois toques, está deixando a praça, entra no Aterro, cai na Paulo Fontes, chega à Prainha. Sujeito ligeirinho, pensa o passageiro, deve ser porque falei em aeroporoto, falar em aeroporoto lembra avião, avião lembra rapidez, correria a jato, deve ser isso, mas ele há de saber o que está fazendo, é um motorista que não é mais criança, tem aí seus quarenta anos, se assim corre é porque o trânsito favorece, são quatro e cinco da tarde. Mais adiante, se for o caso, é só dizer a ele que não há muita pressa.

Vencida a sinaleira da Prainha, onde ficou acelerando e desacelerando, num ronco indócil, feito um touro que escarva o chão antes de arremeter, o táxi dispara. Curvas à vista? Que curvas?

— Não precisa pressa — grita o passageiro, começando a sentir que está indo com alguém bastante impetuoso. — O avião só sai às cinco.

A reação é absolutamente nenhuma. No rádio, uma dupla sertaneja escancara a alma numa confissão de ciúme e abafa todos os ruídos do mundo. O motorista assobia, tamborila no volante. Vai agora pelo Zé Mendes como um guri pela Beira-Mar. Perto da Coca-Cola, ignora a lombada. Ele é doido, já vai acreditando o freguês, tonto com a cabeçada que deu no forro do carro. O que não vai ser de mim nas dez lombadas da Costeira? Isso se a gente chegar até lá, bem entendido, se antes não se voar, ali na frente, em cima da casa do meu amigo Sebastião Porto. Que Deus não o permita! Não há de permitir. Pelo menos é o que promete o adesivo colado no painel: "Jesus salva".

Deixam para trás, sem desastre, a casa do Sebastião, já estão na avenida Waldemar Vieira, no Saco dos Limões. Agora sim se vai ver o que é pegar avião. Postes passam numa disparada dos quatrocentos diabos. O passageiro estica o pescoço, não vê ponteiro no velocímetro, o velocímetro do doido está estragado.

— O senhor está correndo demais! — berra no ouvido dele.

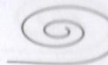


— Correr mais? Calma, vai dar tempo.
Estão entrando na Costeira, logo adiante vêm as lombadas. Com o ralo movimento, a velocidade é mais ou menos mantida, o passageiro firma-se no banco, ai, minha mãe, como é que fui cair nas mãos deste demente, como?

Inenarrável a travessia das dez lombadas, o táxi virou um camelo ensandecido, o passageiro estirou-se no banco, mesmo assim foi três, quatro vezes com o corpo inteiro lá em cima. Entram na reta dos Carianos como que saindo duma guerra, zunindo bonito e macio.

E então, enfim, o aeroporto!

O motorista encosta, baixa o rádio (em que outra dupla se esganiça agora numa declaração de desprezo pela mulher leviana), cobra, agradece, pede desculpa pela demora. Diz que, quando precisar... O passageiro se sacode e, sábio, acha que valeu: tem certeza de que desta vez entra no avião sem medo.



DUAS MENINAS



le pega o ônibus das sete e meia, apinhado. Vai pedindo licença, transpõe a roleta do cobrador, anda mais, ajeita-se. Gosta de ficar assim, na frente, sair fácil na hora da chegada no terminal, tem umas tantas quadras para andar até poder sentar-se diante de sua quieta mesinha de escritório.

Já houve dias melhores nesse trajeto, hoje ele tem o sabor de uma viagem forçada. Quando escapo para um cantinho sem gente e sem barulho? — vive se perguntando inutilmente, sabedor que é dos anos de idas e vindas que ainda tem de cumprir. É homem

moço, dos que a gente, olhando na superfície, define como com um vidão pela frente.

Ele aprendeu a se distrair na diária travessia examinando os que vão sentados. Estuda rostos, investiga em quais há sinais de felicidade, em quais há sinais de sofrimento, exercita a memória guardando-os para ulteriores observações, cria às vezes passatempos tolos e que logo o cansam, como ver quem tem a boca mais larga, o nariz mais comprido. Que vida!

Mas hoje a viagem é outra. Mais dolorosa, mais feliz, quem que sabe? Bem à frente, sentadinha à janela, vai a menina nunca vista, oito anos, os cabelos claros presos num laço. Os cabelos também claros, os cabelos também num laço... Procura outras semelhanças, são vagas as semelhanças além dos cabelos e da idade, e da pastinha escolar, mas isso já não é pouco.

Por que o rapaz que está ao lado dela não salta para ele sentar-se e perguntar-lhe o nome, quais os seus gostos, se vai bem na aula, se a professora é boazinha. E daí ouvir várias vezes a voz que ela tem e também compará-la. E depois... Sim, depois não se cansar de recomendar-lhe o maior cuidado ao sair do ônibus e atravessar a rua.

Mas o rapaz não salta e ele se resigna a contemplar o rostinho que vai, curioso, olhando o mundo (soubesse ela) cruel que ruge lá fora. Como reagiria se lhe dirigisse a palavra? As mães, com toda razão, vivem advertindo as crianças para não conversarem com

desconhecidos, com que habilidade teria então de vencer essa barreira, que palavras ia ter de usar para convencê-la de que não é nenhum homem mau, que entre os dois há uma certa familiaridade, a linguagem dos mesmos cabelos claros, dos cabelos claros presos daquele jeito?


Quem se movimenta para sair não é o rapaz, é a menina. Vai descer no primeiro ponto, é a escola.

— Com licença — diz, numa vozinha que ele jura ser igual, igual, meu Deus do céu, igual. Ele a deixa passar e hesita por um segundo entre pegar ou não o assento vago.

Não pega, anda. Anda e desce atrás — e, na calçada, a acompanha. Ao lado dela, em silêncio, atravessa a rua agitada, assim que era pra ter sido sempre. Sempre, sempre, repete, amargo.

Só quando a vê no pátio, sem perigo, retorna para tomar outro ônibus. De hoje em diante, se passar a chegar um pouco atrasado no serviço, que mal tem isso na ordem das coisas? — fica pensando.





Ucronias



A palavra é misteriosa — ucrónia. Aprendo-a com Umberto Eco, num dos estimulantes artigos enfeitados em *Viagem na irrealidade cotidiana**. O escritor refere-se à irrealidade cotidiana como um sentimento de estranheza que temos em relação ao mundo. Nesse “espetáculo cósmico sem sentido” há lugar para a ucrónia.

Elaboremos uma fantasia qualquer. Um menino, lá por volta de 1460, brincava numa ruela de Gênova, machucou o pé, teve tétano, morreu nem bem chegado ainda aos dez anos. Chamava-se

* ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

Cristoforo. Se vivesse, seria conhecido também por Christofferus, Christobal, Christovam, Cristóvão. Morreu menino, como imaginamos. Como viria a se dar depois o descobrimento da América sem Cristóvão Colombo? Em que ano, com que personagens, a que custo, com que diferenças?

Ucrónia é isso: um tipo de ficção fantástica ou utopia de trás para diante, uma narrativa que se apoia em indagações com a fórmula “o que teria acontecido se tal fato não tivesse ocorrido?” ou “como teria sido tal acontecimento se os seus componentes fossem outros?”.

Já se vê que o campo das ucrónias é infinito — infinito e palpável, universal e doméstico, vai do evento histórico mais relevante e dramático à mínima ninharia da nossa vida diária. É o inumerável se das possibilidades invocado depois que uma delas ganhou curso próprio, fez-se entidade concreta, e as demais ficaram condenadas ao eterno não ser. “O que teria acontecido se César não tivesse sido apunhalado?” — coloca Eco na exposição da ucrónia. Bastava, talvez, a vacilação de um conjurado para que a terrível trama fosse contornada: César vivo, como teriam ficado o império e o mundo?

Nas ucrónias, das triviais às mais elaboradas, o indagador faz uma viagem vã, se desloca sem futuro ao futuro do passado, indaga por indagar. É mais um jogo mental, um divertimento. O que aconteceu, acontecido está. Vale, no exercício, a lição de humildade de que tudo existe por um triz. Somos o que somos sempre por um



triz. Perto de cada um de nós, passaram quantas mil circunstâncias que podiam ter desviado a rota de nossa vida? Um incidente qualquer lá atrás por pouco não me fez, sei lá, um sujeito de proa ou um andarilho; outros provocaram o que ora transcorre: eu estar aqui gastando o tempo do leitor por três ou quatro minutos.

Ouve-se de vez em quando alguém perguntar como andaria o Brasil se no lugar de Fulano não estivesse Sicrano ou Herculano na presidência. Quem vai saber isso?

Se, se, se... Vertiginoso e sem nexos é o mundo das ucronias.



encrenqueiro



O datilógrafo Laurício gosta de ir além da sua datilografia, é um questionador nato. Transferido há três dias da Seção de Seguros para a Seção de Expediente, já está armando encrenca.

— Seu Nereu, olha isto aqui — mostra ao chefe.

Seu Nereu olha: o que é que tem? Laurício explica que o diretor, no rascunho da carta que mandou datilografar, botou a palavra *dissabor* dum jeito muito esquisito: *diçabor*.



— Olha: “Não queremos passar pelo diçabor” etc., etc.

Laurício podia simplesmente ter feito a correção, o diretor talvez nem viesse a notar que a contribuição que pretendia dar ao idioma pátrio fora impugnada, e tudo acabava sem problema. Mas Laurício é encenqueiro. Na Seção de Seguros, já era assim, encenqueiro e exibido.

— Vim lhe informar que estou corrigindo o erro — diz num tom francamente debochado.

É preciso dizer que seu Nereu também tem uma personalidade forte. É homem disciplinado, ama a hierarquia, chefe para ele é coisa sagrada. É Deus no céu e o chefe na terra, sempre. Regra primeira da vida de seu Nereu: tudo o que o chefe faz é cheiroso, tudo!

— Não mexa nas palavras do doutor Afonso — determina.

— Mas como? Qualquer um sabe que...

— Não mexa!

Laurício não se segura, é um absurdo. O diretor não é dono da língua portuguesa para fazer com ela o que bem entende. Se a palavra é *dissabor*, tem que ser *dissabor*. Nem o rei pode fazer que seja *diçabor*.

— Não mexa!

— Vou mexer. Como cidadão brasileiro, tenho o direito de fazer isso. Como datilógrafo profissional, com diploma e tudo, tenho de produzir um trabalho direito. Se eu sei que não é *diçabor*, não pode sair *diçabor*.



Nereu é dos que não apenas acham que tudo o que o chefe faz é cheiroso: na defesa do que o chefe faz é capaz de bater com estrondo na mesa, levantando coisas.

— Não mexa! — grita. E tira o rascunho da mão do atrevido. E vai sabe aonde? Vai falar com o doutor Afonso. Com ele não tem isso de subordinado ficar com nhenhênem, desrespeitando os superiores.

O diretor recebe-o, escuta, abrandando-lhe um pouco a aflição:

— Calma, calma, seu Nereu, o datilógrafo Laurício fez o quê? Quis mexer no meu jeito de escrever? Eu escrevi *diçabor* com cê-cedilha e ele diz que é com dois esses? E é mesmo com dois esses? Será que é? Manda trazer o Aurélio, Nereu.

Seu Nereu obedece, aí está o Aurélio.

— Pois não é que é mesmo! — brilham os olhos do doutor Afonso.

Os dois ficam em silêncio, Nereu esperando as ordens. O diretor decide, pede o rascunho:

— Dá aqui. Vou riscar essa palavra feia. Assim, pronto, botei *desgôsto*. *Desgôsto* tem chapeuzinho, não tem?

— Tem, tem.

— Então fica *desgôsto*. Se dá pra falar simples, pra que não falar simples, né, seu Nereu?

Seu Nereu concorda. Volta e chama Laurício, o encenqueiro:

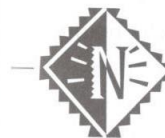
— Pronto, o doutor Afonso prefere escrever mais simples, botou *desgosto*. O riquinho da mamãe não tem nada contra *desgosto*, tem?

Laurício olha *desgosto*, faz aquela cara de quem está vendo outra barbaridade. Antes que ele abra a boca, e crie nova encrenca, e seja preciso outra vez ir lá dentro reclamar desse encrenqueiro ao doutor Afonso e o doutor Afonso outra vez mande buscar o *Aurélio*, o chefe vai dizendo:

— Já sei, o riquinho da mamãe não gostou do chapeuzinho que ele botou. Também não gostei. Pode tirar fora que eu autorizo, está bem?



Ficha de emprego



- Nome?
— Setembrino da Cruz.
— Data de nascimento?
— 10 de junho de 1970.
— Está brincando, Setembrino em junho?
— Não pode? Meu avô é Setembrino, minha mãe quis me chamar também de Setembrino. Algum problema?
— Tudo bem, tudo bem. Local de nascimento?

- Floripa.
- Eta preguiça de dizer Florianópolis! Por que não Flô duma vez?
- Legal, Flô.
- Que Flô o quê, rapaz! Flo-ri-a-nó-po-lis.
- Só queria facilitar seu trabalho.
- Sexo?
- Ué, sou Setembrino, poxa. E o senhor está me vendo. Alguma dúvida?
- Sabe que muitas vezes, mesmo tendo nome de homem e mesmo vendo, é preciso perguntar, não sabe?
- Sei. Mas em mim o senhor pode acreditar. Se quiser ver meu documento...
- Não, não precisa mostrar documento nenhum.
- O senhor é que sabe.
- Pronto, fiz um X bem reforçado, bem macho no quadradinho do M. Qual seu estado civil?
- Estado civil... deixa eu ver...
- Como, deixa eu ver?
- Deixa eu ver, não pode?
- Está bem, pode.
- Deixa eu ver... é, o senhor bota viúvo.
- Está brincando.
- Não estou.

- Com 23 anos, viúvo?
- Não pode? Mulher de marido que tem 23 anos não morre?
- Morre, mas por que disse primeiro "deixa eu ver", não disse logo que era viúvo?
- É que não sou viúvo não, é bobagem minha.
- Epa, de brincadeira comigo, menino?
- Desculpe, o senhor brincou com o meu sexo, achei que eu podia brincar com meu estado civil.
- Muito engraçadinho. É solteiro?
- Não.
- Casado?
- Não.
- Desquitado? Divorciado?
- Não.
- Diga logo que merda de estado civil é esse seu, rapaz!
- Noivo.
- Noivo... E quem disse que noivo é estado civil?
- Não é?
- Chega de besteira. Estado civil: solteiro.
- Não falei que sou solteiro.
- Se não casou ainda, é solteiro.
- Não casei oficialmente, mas na prática, eu e a Nésia...
- Aqui vale o oficial, garoto. Estado civil: solteiro. O que é que sabe fazer?

— De trabalho?

— Não, com sua noiva. De trabalho, é claro, seu Setembrino. O senhor quer deixar seu nome anotado pra se candidatar a que serviço? Falei que nossa agência de emprego é nova, por enquanto só temos vaga de ajudante de pedreiro, britador, auxiliar de necrotério, nada disso lhe interessou, o que é que o senhor sabe fazer?

— Bem, deixa eu ver...

— Deixo, deixo.

— Deixa eu ver... Bota aí, bota aí... Sabe, eu queria um dia era trabalhar em jornal. É, em jornal. Sei lá, ser cronista de jornal. Bota cronista de jornal, bota. Parece bom, parece coisa sem muito segredo, se não tem assunto o sujeito enrola, enrola, enrola, e sempre tem gente de bom coração que vai até o fim do enrolamento e é capaz até de dar uma risadinha.

— Pronto, botei cronista de jornal.

— Será que aparece vaga?

— Pode ser. De repente, numa segunda-feira, um cronista preguiçoso enrola, enrola, algum leitor que não gosta de ser enrolado demais pega o 32... Vamos ter fé, seu Setembrino.




UNS PAPÉIS QUE VOAM



Dinorá chega dez minutos atrasada, ela que é tão pontual, e muito vermelha, ela que é tão branquinha. Araci, sua auxiliar, não sabe do que mais se espantar: do atraso? da cor? Ocorre-lhe a possibilidade de ter havido algum problema no elevador:

— Ele pifou, dona Dinorá?

— Não, não.

— Mas a senhora está que parece ter subido pela escada. Não subiu mesmo?

— Por que ia subir pela escada com o elevador funcionando, Araci?

Isso é verdade. Por que alguém iria subir oito andares pela escada tendo elevador? Só maluco. Dona Dinorá pode até ser chatinha no serviço, mas maluca ela não é. Agora, que está vermelha como se tivesse vindo pela escada, isso está. Alguma coisa fora dos eixos aconteceu.

— O que é que foi mesmo, dona Dinorá?

— Não foi nada, Araci. Que coisa!

Nada, quem nada é peixe. Ninguém muda tanto assim de cor numa hora para outra, até um cego vê que ela não está na sua calma habitual, faz força para dizer que está, mas ferve, ferve, a dois metros de distância quase dá para sentir a temperatura.

— Algum assalto?

— Já disse que não foi nada, Araci, vamos trabalhar, anda.

— Algum engraçadinho?

— Deixa de ser boba.

— Alguma coisa houve. Eu sei que houve.

Araci fica moendo isso, não só porque é uma investigadora por natureza, a própria dona Dinorá já lhe disse que devia ser repórter, não uma simples auxiliar do serviço público, como também porque tem cuidados quase filiais com a chefe. Ela tem sido muito

boa. Quando lhe arrumaram vaga na repartição, disseram que ia ficar uns dias ali no Protocolo. Dona Dinorá, que fazia tudo sozinha há vinte anos, não gostou daquilo, quem disse que precisava de ajuda? Mas Araci foi sendo jeitosa, prestativa, obediente, acabou Dona Dinorá pedindo ao doutor Geraldo que a deixasse em definitivo. Estão juntas há mais de três anos.

— Eu sei que houve alguma coisa, a senhora...

O telefone interrompe a fala de Araci. Ela observa que dona Dinorá está envolvida sabe Deus em que pensamentos, parece surda àquela estridência, pelo jeito não vai levantar o aparelho antes que bata umas vinte vezes. Araci então vem e atende. É o doutor Geraldo, que vai falando:

— Dinorá, estive pensando no que aconteceu no elevador...

— Hum — faz Araci.

— Estou ainda bem perturbado, sabe? Foi tão de repente. Nunca esperei que tu... sinceramente, francamente... e o teu sonho, poxa, que sonho... sonho tesudo esse que falaste de que estavas comigo como a gente estava ali, num elevador, e... estás me ouvindo, Dinorá?

— Hum, hum.

— Eu nunca ia imaginar, Dinorá. Não estás pensando que fiquei indiferente, estás? Foi o choque. Assim, no elevador, poxa. Se ainda fosse na minha sala... Doidona. Estás me ouvindo?

— Hum, hum.



— Depois que enviuei, Dinorá, fiquei meio tristonho, tu sabes. Mas agora, com o que aconteceu no elevador, com esses teus sonhos... Estás me ouvindo?

— Hum, hum.

— Vem aqui, Dinorá. É uma ordem.

Araci baixa o fone. Dinorá ainda está em pensamentos, talvez nem saiba que o telefone tocou. Mas vai saber já, já da ordem:

— O doutor Geraldo pede pra senhora...

— Hein? — e dispara.

— Doidona! — fica dizendo Araci, catando uns papéis que voam.



No velório



— Grande homem o doutor Fidêncio.

— Sem dúvida.

— Muito competente. Muito justo nas coisas.

— É verdade.

— Pai exemplar. Marido extremoso. Tanto traste pra morrer nesse trânsito e morre logo ele.

— A vida tem disso.

— Mas dá raiva. Hoje, quando avisaram na repartição que o carro dele se espatifou no poste, não me contive, gritei: que merda!

— Shhhh, mais baixo, podem pensar que está falando mal do doutor Fidêncio.

— Eu, falar mal do doutor Fidêncio? Só se não tivesse consciência. Nos meus vinte anos de repartição, nunca vi um chefe como ele. Homem bom, o senhor que o diga, o senhor era seu assessor mais direto. Há quantos anos se conheciam?

— Ih, uns trinta.

— Pois conheci o doutor Fidêncio só agora, neste governo, mas até parece que conhecia há séculos. Dizem que o senhor trabalhou com ele em vários lugares.

— Trabalhei, trabalhei. Desde que ele entrou na política, cismou de me querer por perto. A gente se entendia muito bem. Foi para o Departamento de Obras Intermináveis, lá fui eu com ele. Depois fomos para o PEVS, o antigo Programa de Engarrafamento do Vento Sul, está lembrado?

— Claro. Uma pena terem desativado o PEVS.

— Pois é. Tanto que o Fidêncio se dedicou a ele. Mas, enfim, estamos no Brasil, onde se vive criando e extinguindo coisas. Depois do PEVS, fomos para uma diretoria na Secretaria dos Negócios Vagos. Depois para uma na Secretaria da Incontável Papelada. É como eu falei, a gente afinava bem.

— Que homem! Anteontem, quando fui levar o cartão do deputado Aristófanes, que é primo da madrinha da minha mulher, pedindo para ele me acertar uma subchefia, bah, que atendimento!

Até fiquei sem jeito. Telefonou na hora para o deputado, disse que já ia mandar o senhor bater minha nomeação para encarregado do Setor de Desinformações ao Público. Não é bem o momento de perguntar, mas ele chegou a assinar a portaria, não chegou?

— Bem...

— Assinou?

— Assinou, sim.

— Que homem!

— Bem, ele...

— O quê?

— Ele assinou a portaria, mas não a sua. Houve um estremecimento do Fidêncio com o deputado Aristófanes ontem de manhã. Contingências da política. A portaria já estava assinada, se desentenderam, ele mandou rasgar. À tarde, disse para fazer outra nomeando o Lalau Pereira. Foi seu último ato administrativo.

— Merda.

— Fale baixo.

— Merda. Filho da mãe. Safado. Incompetente.

— Fale baixo, calma.

— Calma o quê! Vou ali olhar a cara do desgraçado. Quero ver se morto ele consegue ser mais nojento do que vivo.

— Calma. De repente o deputado Aristófanes é amigo do diretor que entra. Fé no futuro, homem.



Um Flautista na madrugada



Quatro mascarados invadiram a casa que os argentinos Dobry alugaram na Praia da Daniela para passar as férias de janeiro. Levaram dólares, joias, roupas, ventilador, miudezas. Ah, sim, não iam deixar de fazer isto: pegaram também o Renault para carregar as mercadorias e se escafederem mais depressa.

O assalto teve momentos duros. Para saber onde estavam os dólares, os meliantes ameaçaram de morte os dois filhos do casal. E teve momentos leves. Feito o serviço de coleta, eles puseram-se lindamente a jantar, como que (como costumam dizer os políticos no fim dos mandatos) com a consciência tranquila do dever cumprido. Um deles chegou a demonstrar interesse por uma flauta e soprou-a na tentativa de extrair alguma música. Mario Dobry, o chefe da família, afirma que o cara "não tocava nada de nada".

Que se pode dizer aos Dobry que os console? Nada de nada também. Talvez que tudo podia ter sido pior, pois isso aí está virando mesmo um banditismo muito sério. Os seus quatro invasores não foram ainda dos mais abusados. Um deles, vejam só, revelou até alguma inquietação musical.

Pois sabem que fiquei pensando naquela flauta? Dirão vocês que é muito cômodo, cá fora, livre das agonias que uma visita assim ocasiona, ficar considerando as sugestões poéticas de uma flauta que, de repente, bate na escondida sensibilidade de um marginal. Sim, é cômodo, mas não resisto à indagação: será que a música não podia ter restabelecido a ordem naquela casa em pânico?

O jornal não disse quem, entre os Dobry, é o flautista. Será o próprio Mario? Físico de profissão, leitor de Chesterton, sei lá, me parece que ele bem pode ser também um flautista. Sem falar que ele fez aquele julgamento nada favorável sobre a performance do ladrão com a flauta. Imagino-o, senão um Gazzelloni, um Nicolet ou

um Rampal, ao menos um amador capaz de solar bem uma *badinerie* de Bach ou um *allegretto grazioso* de Mozart. Sinto então o seguinte: no momento em que o malandro tentava grotescamente tocar a flauta, se nesse momento Mario tivesse, com sua cortesia portenha, pedido que lhe permitissem entretê-los com alguns números enquanto comiam, pois tenho quase certeza, para não dizer certeza absoluta, tal é a minha fé na música, de que a madrugada dos Dobry ia ser outra. Exageraria ao crer nos efeitos duma versão flautística do *Adagio* de Albinoni dentro da madrugada? Ou de alguma peça platina equivalente, em graça, ao nosso *André de sapato novo* e, em ternura, ao nosso *Carinhoso*? Quem sabe algum trecho do *Rancho do amor à Ilha*, que Mario forçosamente já ouviu em alguma propaganda ou nas ruas. Davi acalmava o poderoso Saul tocando cítara. O que não seria possível com as magias de uma flauta? Tenho a impressão de que, te escutando na flauta, Mario, eles iam chegar a uma decisão: poxa, o homem nos deu uma hora de coisas lindas, não vamos fazer com ele esta sacanagem, há outras casas por aí.

É fácil, longe do sufoco, e *a posteriori*, pensar no potencial daquela flauta. Mas que foi uma pena não a teres tocado, isso foi, Mario Dobry. A menos que, indo tocá-la, também não tocasses nada de nada, o que podia até ter piorado as coisas.



Se temos as manhãs de abril



o inverno, um frio que pode ir além das medidas, a odisseia do regimental banho diário, de ter que deixar a cama no improrrogável horário; no verão, aqueles cansaços e atropelos, a poeira dos dias, os incansáveis insetos, a insônia que desce pegajosa pelas madrugadas; e repentinos céus fechados, ventanias, trovões, torós, águas pesadas, lama, às vezes a desencantada paisagem de móveis secando ao sol. Mas não é verdade que tudo isso — e muito mais — é perdoável se temos essas manhãs de abril?



Compensações da vida, como tantos dias de outono...

Os decibéis da cidade: arrancos, roncões, buzinas, pneus cantantes; megafones e alto-falantes em malferida guerra para ver quem primeiro dilacera os resistentes ouvidos; o que uns chamam de música parte de lojas que tudo fazem por uns níqueis; bate-estacas ferozes plantam na terra os pés de novos bichos de ferro e concreto. Mas tudo quanto é barulho não se apaga se há um sabiá ali no galho do cajueiro, ou se um céu solo, bem tocado, põe-se a indagar as sutilezas de um fim de dia?

Cheiros, quantos? Peixe destripado e urina pelas cercanias do mercado e dos terminais de ônibus; a agressão das entranhas de um bueiro bem às portas do restaurante cujo orgulhoso cardápio promete boa comida internacional; a fumaça dos bares, frituras gordas, pastéis que já devem ter matado incautos só com seu odor de graxa rançosa; perfumes excessivos de senhoras que aguardam a hora de ver um filme. Não são cheiros que até pagamos para sentir se o preço deles, na leveza da noite alta, é o aroma do cinamomo?

As caretas tantas vezes facinorosas dos motoristas mais apressados, apressados (vai-se ver) para chegar lá adiante e não fazer nada; o carão duro do açougueiro ou do vendeiro às voltas com suas dificuldades; a carinha de enjoo da moça da padaria em crise consigo mesma; a carranca do estranho ao mal responder que horas são ou onde fica tal rua, do policial sem orgulho pela farda, do colega de trabalho que acordou com a alma atravessada. Não é



isso coisa até fácil de esquecer se, como o sol varando as nuvens, raia um riso de criança ou da pessoa amada?

A ditadura dos gestos pragmáticos, a rasa objetividade, a crua e nua aritmética dos lucros; o império das artimanhas, da habilidade arteira, da esperteza; aquilo de haver sempre em tudo uma vantagem a extrair nem que seja a murros; a troca da verdade por quaisquer 30 dinheiros. Tudo some, num passe arquimágico, diante da obra de arte que palpita, sopra do espírito dando ao mundo sonoridades, formas, alusões proféticas.

A sabichonice, as tolas redescobertas da pólvora, a empáfia; a tagarelice dos salvadores da pátria e dos predestinados sabe-se lá por que potestades do além; as promessas, os compromissos fajutos. Sim, há um momento feliz em que é como se nada disso existisse: quando, num grande momento, assume a cena e dá seu recado o sábio humilde, solicitante, solidário, crente de que sozinho é apenas mais um homem.

A indiferença calculada, a inveja com seus olhos amarelos, a mesquinaria pelas costas, a deslealdade impressentida, as falsidades — não é até bom que isso exista para que tenha ainda mais valor o aperto de mão dos amigos?

